



FOUCAULT E BAKHTIN NO CARIMBÓ DO MESTRE LUCINDO

Walquiria Sampaio Gouveia
Universidade da Amazônia (UNAMA)
walsamp50@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho se sustenta teoricamente no modelo da Teoria da Linguagem, no método da Análise do Discurso, tendo como suporte teórico as concepções de Foucault, e de Bakhtin dentre outros, como condutores dialetizadores da linguagem discursiva. Nesse sentido visamos entender o tecer poético de Mestre Lucindo, cujo tecido se faz com a observação à natureza, palco onde são tramadas as ações dos seus personagens que vão imprimindo, revelações em metáforas que materializam discursos polifônicos.

Palavras-chave: Mestre Lucindo. Alerta social. Discurso dialógico

INTRODUÇÃO

Aqui neste trabalho, não pretendemos adentrar nas especificidades constitutivas do Carimbó, como: musicologia, instrumental, coreografia, performance, dança etc. nos limitaremos em argumentar a respeito da poesia do Mestre Lucindo, como elementos lingüísticos carregados de autoridade poética, adquirida perante sua observação extenuante à natureza que o rodeava em suas andanças, seja em terra ou no mar. É daí que surgem as construções metafóricas e polifônicas no seu discurso de alerta e de denúncia.



O instrumental primitivo do Carimbó é etimologia indígena, que quer dizer curimbó (madeira oca). Reconhecidamente nativo e nem mesmo a introdução de instrumentos europeus, através do processo da comercialização, anulou ou impediu a sua presença no conjunto do autêntico Carimbó das praias e dos terreiros no Estado do Pará. Conforme Maciel (1983), Foi o jesuíta João Daniel que registrou em suas crônicas (1767), a existência e prática de um instrumento muito semelhante ao Carimbó, em um povoado indígena.

Então, agora vamos nos limitar a entender os discursos no enunciado lírico do poeta do Carimbó.

COMPROMISSO POÉTICO DE MESTRE LUCINDO

A poesia de Lucindo é comprometida com os discursos que se materializam em metáforas as quais retratam a história do mundo natural do homem interiorano que padece as conseqüências históricas de ameaça, de exploração, de injustiça e de esquecimento. Conforme registra Maciel (1983): “o homem interiorano (...) padecendo as conseqüências históricas de uma colonização opressora, (...) tornou-se errante, nômade, injustiçado, ameaçado, esquecido sem muita opção de vida”

Na poesia do mestre os personagens se firmam no espaço da terra, do ar, ou do mar, onde eles buscam esperança de melhores dias de subsistência na agricultura ou na pesca. O rumo do discurso do Mestre Lucindo, nestes espaços, se apresentam sem revolta, sem rancores, sem violência, porém contemplativo aos seres que povoam seu mundo, alertando-os dos perigos provocados pela presença dos “grandes”. Então, indiretamente, denuncia os abusos daqueles que se vestem com a capa do poder para explorar os mais fracos.

Foucault, em “O Microfísica do Poder”³ menciona que as relações são lutas e embates de forças, contradições, relações de poder que emanam verdades e suscitam modos de ser, pensar e agir. Diz o autor que ao pensarmos desta maneira, desconstruímos um modelo rígido de relação onde somente é aceitável um pacifismo que



desconsidera os diversos meandros do/de ser humano, demasiadamente humano (FOCAULT, 2008).

No Carimbó de Lucindo, percebe-se que a “humanidade” do mestre, se reveste de direitos e poderes na defesa da natureza, a fim de editar lições de vida, materializando discurso em uma linguagem rica de regionalismo. É justamente isso que encanta os apreciadores da cultura do Carimbó do Mestre, setor que ele manifesta domínio nas regências de ritmo fônico, próprio de Marapanim sua terra natal, palco onde se percebe de onde o poeta apreendeu seu repertório poético:

Jerônimo me convidou /u/
Pra ir na praia apanhar ajiru
Eu não, eu não, eu não
Que a mamãe não me mandou /u/

LUTAS DE CLASSE NO CARIMBÓ DE MESTRE LUCINDO

O poeta do Carimbó se valida dos personagens que povoam o seu espaço natural, e da luta destes pela sobrevivência, para contar e denunciar a história de um povo ameaçado, indefeso, explorado constantemente por outra classe. ‘Mentalidade’ ou ‘espírito’ caboclos influenciados, talvez, pelo fenômeno de ‘semelhança ou de repetição’ que Foucault explica:

Acontece ainda com as noções de ‘mentalidade’ ou de ‘espírito’ que permitem estabelecer entre os fenômenos simultâneos ou sucessivos de uma determinada época uma comunidade de sentido, ligações simbólicas, um jogo de semelhança e de espelho – ou que fazem surgir, como princípio de unidade e de explicação, a soberania de uma consciência coletiva. (FOUCAULT, 2008, P.24)

Analisando dessa maneira, podemos entender no poema abaixo, sobre os riscos que corre o ‘peixe-piaba’ na convivência com as grandes ‘feras’: Tubarão, Baleia e Serra’. O alerta do sujeito lírico está no discurso direto com o personagem ‘peixe-piaba’ que se apresenta em situação desigual no mar. Entendemos no poema um discurso enunciador de conflitos entre classes onde os mais fracos sempre sucumbem em detrimentos aos mais fortes. O poeta foi sutil e habilidoso no seu tecer lingüístico usando metáforas para relatar realidades sociais. Para este entendimento, Bakhtin afirma: “É



apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbuí-se do seu poder vital e torna-se uma realidade”. Realidade que se metaforiza na enunciação do poeta do Carimbó:

Auá, auê Peixe-piaba
 Tubarão que te comer
 Peixe-piaba
 Tubarão, Baleia, Serra
 Meu navio correu por terra
 Foi terrafiar no mar

Michel Foucault (2008), afirma que não existe o poder, mas sim relações de poder, que atua como uma força coagindo, disciplinando e controlando os indivíduos. Segundo o autor, à medida em que vão mudando as relações sócio políticas e econômicas, também vão sendo produzidas novas relações de poder, mais adequadas às necessidades do poder dominante. Este processo atinge um parâmetro de complexidade ou simplicidade de vida própria que o poder adquirir, como se prescindisse dos indivíduos. Assim, o poder se apresenta funcionando independente dos indivíduos pelos aparatos ideológicos, burocráticos etc, o poder se sustenta, coagindo e fazendo com que os indivíduos se submetam, pois, apesar de o poder parecer incógnito, adquire materialidade na medida em que os indivíduos transmitem e reproduzem em atos afirma Foucault. No caso do poema acima, quem reproduz o discurso do mais fraco é o peixe-piaba, então o poeta o alerta: “auá, auê Peixe-piaba/Tubarão quer te comer”. Portanto, é pertinente aqui, um alerta aos “peixes-piaba” sociais que não reivindicam seus direitos perante aos “tubarões” sociais.

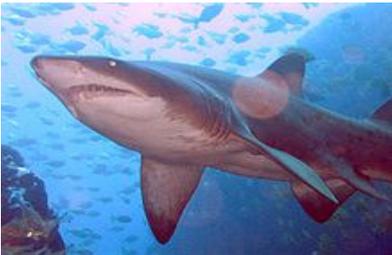
CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

A Amazônia, sempre foi explorada em todas suas reservas da biodiversidade dando lucros aos “interessados”, mas o amazônida nunca se beneficiou disso a ponto de mudar sua Identidade. Agora o efeito “global” faz dela o maior patrimônio sociológico do planeta, de referência laboratorial para pesquisas científicas cobiçadas pelo mundo todo, aliás, cobiça antiga, que vem desde muito antes de Cabral. Com qual interesse? Interesse de poder, que iniciou em meados da década de 70, época em que se observou a comprovação dos efeitos da degradação do meio ambiente.



Segundo pesquisa, “pela primeira vez aventurou-se a possibilidade da extinção da humanidade devido à desestabilização ecológica do planeta. Assim, o pós-moderno afirmou-se no discurso de ‘civilizar’ a Amazônia para o universal”, afirma o professor de departamento de física da UFAM, especialista em física ambiental Marcilio de Freitas.

O poeta também percebe as tramas da ambição dos homens que detém o poder em mãos, então denuncia, no seu canto poético metafórico, a exploração indiscriminada à natureza, atitude que revela seu compromisso pela preservação da biodiversidade da Amazônia. Tema atual, muito difundido pelo o mundo todo. Vamos observar as metáforas que materializam discursos:



1

2

3

Pescador pescador por que é
 Que no mar não tem jacaré
 Pescador pescador por que foi
 Que no mar não tem peixe-boi
 Eu quero saber a razão
 Que no mar não tem tubarão
 Eu quero saber por que e
 Que no mar não tem jacaré

‘Jacaré’, ‘peixe-boi’ e ‘tubarão’, se apresentam hoje como espécies protegidas, vulnerável à extinção. É importante frisar aqui neste trabalho um parecer de Maciel (1983) em sua dissertação de mestrado:

(...) Segundo depoimentos de pescadores da região, existiam outrora em grande quantidade por toda costa marítima. E embora nos pareça estranho, “peixe-boi e jacaré não vivem apenas em água doce. Vivem também no mar”. Nos garantiram todos os pescadores- informantes que se manifestaram durante nossa pesquisas, pelas praias do litoral paraense, e que agora se encontravam minguados, por conseqüências da presença das grandes pesqueiras naquela região, que teriam exterminado de forma indiscriminada aquelas espécies.



Essa é uma observação no texto, que marca a função de informar uma ocorrência antiga na área do salgado Marapaniense. Entretanto, na poética moderna de Lucindo, há investimento discursivo por trás do questionamento materializado no poema: o discurso da ambição do ser humano registrado pela comercialização da pesca predatória na Amazônia desde há muito tempo.

Dessa forma, o poeta é sempre atento à atitude de intenções de ameaça à vida das espécies. Daí é que emerge na sua poesia, o status, o direito, a legítima autoridade poética, apreendida da natureza:

Minha rolinha
Que marisca pelo ar
Não mate! A rolinha
Não sabe avoar.

Minha rolinha que marisca pelo chão
Não mate! A rolinha é do meu coração

Em “o Discurso de Outrem” Bakhtin¹ percebe o discurso de maneira muito claro, “como uma inter-relação dinâmica do discurso citado e do contexto”. Então nos sentimos a vontade em fazer essa interrelação da ocorrência lingüística do poeta com os sentidos nela inseridos que resultam da consciência que lhe está intrínseca, a noção da destruição da fauna, e isto o perturba, então ele tematiza em seus poemas a verossimilhança do seu mundo para demonstrar um discurso de consciência ecológica que se reflete na sua arte poética, no seu diálogo com ‘outro’: “não mate (você) a rolinha”. “Você” que é o causador da ação destrutiva. Todavia a entonação poética não é agressiva, pelo contrário, ele tenta sensibilizar o predador mostrando a “rolinha indefesa”.

Bakhtin (1988,pp.85-106) nos assegura uma concepção de discurso de poesia que nos parece estranho, ao que entendemos sobre discurso na contemporaneidade, haja vista que Bakhtin decide que a prosa tem natureza ‘dialógica’ enquanto que a poesia tem natureza ‘monológica, pois segundo ele, “ a poesia é gênero que satisfaz a si mesma e não admite enunciação do outro fora de seus limites”. O autor também afirma que a poesia possui mais teor autoritário do que a prosa romanesca, então diz: “devemos renunciar aos nossos hábitos monológicos”.

Todavia, percebe-se que o poeta usa a função apelativa, não com imperialidade, mas com suavidade, habilidade e sutileza: “Não mate!” para conscientizar o “outro”, além do mais, a função emotiva na voz do poeta: “ A rolinha é do meu coração”



mostra seu comprometimento com a natureza. Portanto, o teor do discurso poético do Mestre é dialógico, baseados que estamos na idéia de Fernanda Mussalim (2003), que vê o discurso fundamentado em uma característica comum: a constitutividade, o discurso, e o sentido, os quais vão se constituindo no próprio processo da enunciação com parceria da interdisciplinaridade com áreas afins como a história, sociologia, psicologia, semântica da enunciação, pragmática etc. Justamente conforme ocorre no discurso do poeta Lucindo, representante do homem amazônico e de suas causas e consequências sociais.

O DISCURSO DO MACHISMO NA POÉTICA DE LUCINDO

Foucault no seu capítulo *Unidades do Discurso* adverte: “ É preciso desalojar essas formas e essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homem. É preciso expulsá-las das sombras onde reinam”.

Segundo Vera Vieira, Coordenadora-Executiva da Rede Mulher, jornalista, com especialização em Gestão de Processos Comunicacionais e mestra em Comunicação /Educação pela USP/ECA. Ao longo dos tempos, tem ficado bastante evidenciado o papel da linguagem sexista no reforço dos estereótipos machistas que contribuem sobremaneira para o desequilíbrio das relações sociais entre homens e mulheres, caracterizadas pelo binômio dominação/subordinação. Ao nascermos, nosso sexo é definido pela natureza. Já o comportamento diferenciado tem a influência direta da formação e educação que recebemos no meio social, historicamente marcadas pela subordinação da mulher ao homem. Trata-se de um fenômeno cultural que se arrasta ao longo de milênios e que deve ser mudado, conclusão confirmada, acima, por Foucault.

O “Machismo” está entre tais forças obscuras a que Foucault se refere e materializa discursos na poética do Mestre. O sujeito lírico também traz à tona esse discurso que se apresenta nas entrelinhas de seus versos representando “o caboclo que não foge a regra dos brasileiro machistas. Entretanto a mulher assume as mesmas tarefas do cotidiano, compartilhando com o marido a luta pela sobrevivência. O faz sem protestos e sem deixar de ser mulher, mãe e dona de casa. No homem, o machismo caboclo, é sempre o senhor das determinações”, segundo Maciel (1983):



O galo com sua galinha
Saíram pra passear
Quando chegaram em casa
O galo só queria brigar.

Entretanto, percebemos que o anseio feminino da amancipação se efetua na consciência da mulher de pescador, mas ciente de suas funções ela cumpre seu papel dentro de seus limites, tolerando as imposições vindas do poder machista que inscrevem condições de dominação/subordinação, metaforicamente representadas no poema abaixo pelos personagens: “galo, pato, peru” no embate com a “pitoca fraca”:

O galo canta coró, coró
O pato faz fuá, fuá
E a pitoca tô fraca tô fraco
E o peru gulu gulu.

Na poética do Mestre, o homem dita regras, leis e normas e se a mulher as transgredir pode sofrer consequências do machismo, conforme agora se percebe na representação da própria classe homem/mulher:

Se a mulher fosse minha
Eu ensinava a viver
Dava limão com farinha
A semana inteira pra ela comer.

Mas ao homem é permitido desvios de normas sociais que o beneficiam. Ele pode agir com liberdade, sentindo-se virtuoso proclamando o discurso machista:

Rolinha de cansada
Bateu o papo na areia
Eu também estou cansado
Atrás da filha alheia.

Percebe-se que o tema do Machismo passou a ser poesia na oralidade do poeta- que constatou ser um fato na vida do homem caboclo da Amazônia, que aqui analisamos nas metáforas que nos parecem claras nos discursos do poeta. Nesse entendimento, o filósofo Bachelard (1994) compreende que “se damos, pela poesia, campo livre de expressão à atividade da linguagem somos induzidos a observar o emprego de metáforas”:

O universo da palavra comanda todos os fenômenos do ser. Os fenômenos novos, compreenda-se. Pela linguagem poética, ondas de novidades correm da superfície do ser. E a linguagem traz de si a dialética do aberto e do fechado. Pelo sentido ela se fecha, pela expressão poética, ela se abre.



Entretanto a mulher cabocla parece não aceitar as condições impostas do machismo no casamento, então o poeta adverte a personagem para não casar haja vista que conhece exemplo de casadinha que não aceita as condições que o casamento lhe impõe:

Mariquinha num te casa
Te lembra da boa vida
Tenho visto casadinha
Chorando arrependida

Entende-se aqui, que o poeta compreende o machismo como uma prática que deve ser mudada, ou que as mulheres deveriam casar assumindo seu papel de submissa. Esta interpretação discursiva é possível, constatando com palavras de Bakhtin:

O discurso citado é visto pelo falante como a enunciação de uma outra pessoa, completamente independente na origem, dotada de uma construção completa, e situada fora do contexto narrativo. (...) mesmo assim a diluição da palavra citada no contexto narrativo não se efetua completamente, não somente o conteúdo semântico, mas também a estrutura da enunciação citada permanece relativamente estável, de tal forma que a substância do discurso do outro permanece palpável, como um todo auto-suficiente. Manifesta-se assim, nas formas de transmissão do discurso de outrem, uma relação ativa de uma enunciação a outra através de construções estáveis da própria língua. (BAKHTIN, 2004)

CONSIDERAÇÕES

Ao fazermos um estudo comparativo entre dois estudiosos da linguagem, tomando como matéria de estudo a literatura oral de Mestre Lucindo, foi de fato uma proposta interessante, haja vista que Bakhtin², não sustenta a teoria dialética para o gênero da poesia por se tratar de uma comunicação que se volta para o próprio eu, sensível ao interior do poeta: “O gênero monológico¹ é o gênero cujo discurso satisfaz a si mesmo e não admite enunciação de outro fora dos seus limites”. Mas para Foucault “nos enunciados se sustenta a intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer, ou ainda o jogo inconsciente que emergiu involuntariamente (...) jogo de descobrir a palavra muda, murmurante, inesgotável que anima do interior a voz que escutamos, de restabelecer o texto miúdo e invisível que percorre o interstício das linhas



escritas, e às vezes, as desarruma, pois a análise do pensamento é sempre alegórica em relação ao discurso que utiliza” .

Mas no decorrer da análise da poética oral de Lucindo, percebe-se que seu discurso não volta para seu interior, para a primeira pessoa. São discursos onde vozes se entrelaçam com outras vozes, além da voz do próprio poeta, conscientizado o ‘outro’, que pode ser todos os que vivemos numa Amazônia ameaçada em sua biodiversidade. Nesse ponto de vista o pensamento de Foucault, de Mussalim⁴ e de Bachelar se adéquam com nossa conclusão de pesquisa aqui neste trabalho.

Acreditamos que conseguimos mostrar aquilo a que o poeta paraense Lucindo, deixou para fazermos: o desafio de entender sua imaginação poética materializada em discursos. Entender sua mensagem lírica, social, ecológica e denunciadora, a qual se mostra livre por opção, com partidarismo apenas com a ecologia e o cantar das coisas do cotidiano da vida, a que tanto o poeta lançou seu olhar cantador conforme relata Maciel (1983), em uma entrevista a poeta do Carimbó: Mestre Lucindo é pescador. A rede de pesca e o Carimbó foram seus instrumentos de luta na terra e no mar. Mestre Lucindo é filósofo: “ Às vezes estou pescando, e estou pensando.então faço meus versos na minha pescaria eu estudava a natureza”.

¹BAKHTIN, M. questões de literatura e Estéticas, pp.85-106. .

²BAKHTIN M. Problem of dostoevsky's poetics. Mineapolis: University of Minnesota press, 1999.p.272

³FOCAULT, Michel. A arqueologia do saber- as unidades do discurso, p.04 . Trd.Luiz Felipe Baeta Neves. Ed.Forense universitária.

⁴MUSSALIM, Fernanda. Vol. 2, pp 105-106,2003.



REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. O direito de sonhar. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertranddo Brasil, 1994, p. 5 - 31.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. O discurso de outrem. 11^a.ed. trad.Michel Lahud & y Frateschi Vieira. São Paulo: ed.Hucitec, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e estética, São Paulo: Unesp/Hucitec, 1988.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. Pescadores do litoral paraense - curralistas e rendeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará. museu Emilio Goeldi, 1987.

FOUCAULT, M. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. 2 ed. Manoel. da Motta (Org.) e tradução Vera L.A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense universitário, 2008.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. Em: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: edições Graal, 2008.

FREITAS, Marcilio, Amazônia e desenvolvimento sustentável. Petrópolis: Ed.vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança - um reencontro com a pedagogia do oprimido. RJ. Paz e Terra. 7^aed. 2000. pp. 66-67-68.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade, trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A. 2002.



MACIEL, Antonio de Almeida .Carimbó: Um canto caboclo. Dissertação de mestrado. Puccamp, 1983.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: Mussalim, Fernanda e BENTES, Anna Crhristina (orgs.) Introdução a lingüística – Domínios e Fronteiras. São Paulo: Cortez, 2003. Vol. 2, pp 105-106

VIKIPERIA. A encyclopedia livre. (His image is a work of a [United States Department of Agriculture](#) employee, taken or made during the course of the person's official duties. As a [work](#) of the [U.S. federal government](#), the image is in the [public domain](#).)